

A Morte do Suicídio (II)



O objetivo de qualquer suicida é resolver um problema irresolúvel (na sua óptica), muitas vezes embrenhado numa mono ideia, que não o deixa ver outras janelas, senão o fundo falso da vida: o suicídio.

Dentro de uma visão materialista da vida, de facto, o suicídio é aceitável, para quem julga não haver solução para a problemática que está a viver. À falta de melhor opção, a pessoa mata-se, e “acaba tudo”, fugindo do problema aparentemente irresolúvel.

Se assim fosse, até que poderia ser uma saída para a crise existencial.

E se não for assim?

E se a vida continuar para além da morte do corpo de carne?

Vejamos a óptica espiritualista.

Nesta visão holística, o ser humano não é apenas um amontoado de células, mas sim, um ser eterno, que está temporariamente num corpo carnal, neste planeta, numa determinada missão evolutiva, voltando à pátria espiritual assim que se desorganize irremediavelmente o seu corpo físico.

Se a visão espiritualista da vida estiver certa, então o axioma materialista perde consistência, e o suicídio terá sido em vão, continuando o ser humano no mundo espiritual, com os mesmos problemas que tinha na Terra (abordaremos esse assunto no artigo seguinte).

Questionamo-nos: para quê as pessoas se suicidam?

A resposta parece óbvia: para “resolverem” problemas graves existenciais, como um negócio ruinoso, uma doença irreversível, um desgosto, uma atitude impensada, etc, etc...

A Doutrina Espírita (ou Espiritismo), que não é mais uma seita nem mais uma religião, mas sim um conjunto de ideias assentes em pesquisa científica, com uma componente filosófica e assente na moral de Jesus de Nazaré, veio matar a morte, demonstrando experimentalmente, em meados do século XIX, que afinal, aquilo que as religiões tradicionais defendiam através de

uma fé cega – que somos seres imortais, que a vida continua noutra dimensão espiritual – tinha razão de ser.

Entramos no campo da fé raciocinada, da fé assente na pesquisa, na experiência, na discussão, na observação, na comparação de factos, de onde surgem ideias de espiritualidade, ideias salutares, lógicas, explicando ao Homem de onde vem, para onde vai, e o que está a realizar na Terra (leia-se a obra de Allan Kardec, começando pela notável obra “O Livro dos Espíritos”).

**Com o estudo do espiritismo, aprendemos que
os problemas graves da vida têm sentido, têm uma causa,
têm um objectivo e são ultrapassáveis.**

Aprendemos com a Doutrina Espírita, que estamos na Terra para evoluirmos em duas vertentes – intelectual e espiritual – num processo de expiação de atos do nosso passado mais ou menos longínquo (reencarnações passadas), e num processo de provas, inerentes ao estado atual do planeta Terra, onde o mal ainda se sobrepõe ao bem.

Aprendemos com a Doutrina Espírita, que os problemas que temos na Terra, não são irresolúveis, antes sim, oportunidades de crescimento, de aprendizagem, aprendendo os valores da tolerância, da compreensão, da resignação ativa, da ajuda mútua desinteressada.

Independentemente do tipo de problema com que a Vida nos bafeje, tenhamos a consciência de que a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas (a que se convencionou chamar Deus), não permitiria que tivéssemos na nossa vida provas superiores às nossas forças, pois se assim fosse, não seria um Deus infinitamente bom.

Somente com o estudo e entendimento da lei de causa e efeito, da reencarnação, podemos encontrar a justiça divina, nas múltiplas dissemelhanças existentes entre a humanidade, e que provocam revoltas naqueles, que desconhecem as realidades espirituais.

Com o estudo do espiritismo, aprendemos que os problemas graves da vida têm sentido, têm uma causa, tem um objetivo e são ultrapassáveis.

Assim pensando e assim agindo, podemos com alegria assistir à morte do suicídio...